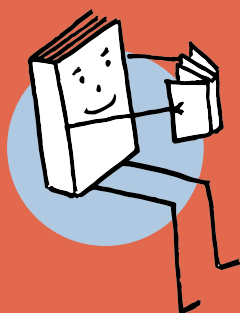
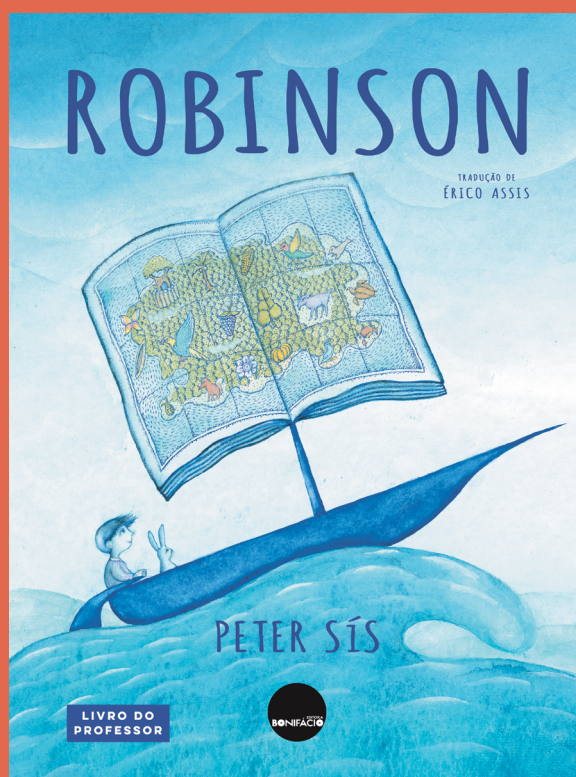


Material digital de apoio à prática do professor



AUTORIA

Érica Dutra
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC



Material digital de apoio à prática do professor

AUTORIA

Érica Dutra

Especialista da Comunidade Educativa CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca

Coordenadora da Comunidade Educativa CEDAC

LIVRO

Robinson

AUTOR E ILUSTRADOR

Peter Sís

TRADUTOR

Érico Assis

CATEGORIA 2

Obras Literárias do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

TEMAS

Autoconhecimento, sentimentos e emoções

Família, amigos e escola

Diversão e aventura

GÊNERO LITERÁRIO

Conto, crônica, novela



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Angela das Neves

Aminah Haman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dutra, Érica

Material digital de apoio à prática do professor :
Robinson / Érica Dutra ; coordenação de Fátima Fon-
seca, CEDAC. — 1ª ed. — São Paulo : Editora Bonifácio,
2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-88894-18-7

I. Literatura infantojuvenil – Estudo e ensino 2. Ma-
terial de apoio ao professor I. Título II. Fonseca, Fátima
III. CEDAC IV. Assis, Érico. Robinson

21-5552

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA BONIFÁCIO LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — cj. 71

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3561

Sumário

Carta ao professor	5
Estrutura do material digital	6
Contextualização	7
Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental	8
Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa	11
Pré-leitura	12
Leitura	14
Pós-leitura	20
Outras propostas de leitura e abordagem da obra	21
Ampliação da comunidade de leitores na escola	21
Literacia familiar	22
Bibliografia comentada	24
Sugestões de leituras complementares	25

Carta ao professor

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários são dotados de características que contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, fornecendo múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive, a partir de uma compreensão de si mesmo e do outro. Os bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e podem levar o leitor a ter variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental essa experiência que toca, atravessa e transforma o leitor, e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. Sua matéria-prima é a linguagem, utilizada pelos autores em toda sua potência, elasticidade e facetas. Quantas vezes uma palavra que conhecemos tão bem tem seu sentido transformado em textos literários, construindo novas imagens e ampliando nossa forma de olhar as coisas? O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, consequentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em educação, literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em contemplar a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro nos contextos escolar e familiar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para as crianças do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — neste caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DIGITAL

Este material serve como apoio para você trabalhar com o livro *Robinson*. Desde já, enfatizamos que as propostas aqui apresentadas são apenas sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. O material está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** apresentação de informações importantes sobre a obra, o autor/ ilustrador e o tradutor.
- **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura deste livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora das crianças, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).
- **Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho nos momentos da pré e pós-leitura, e também para a interação verbal durante a leitura dialogada, considerando momentos nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, também ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.
- **Outras propostas de leitura e abordagem da obra:** sugestões para ampliar o trabalho de leitura na escola e para explorar a literacia familiar, a fim de que as crianças entrem em contato com outros leitores, o que contribui para se tornarem leitores autônomos.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras usadas para elaborar este material digital, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados nesta obra e que contribuem para o trabalho do educador.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Robinson é uma história que vai proporcionar ao leitor diversas aventuras, entre elas, a de resgatar um dos personagens mais conhecidos da literatura mundial e homenageado no título: Robinson Crusóé. Essa leitura faz um convite para entender toda a dor e a tristeza que o menino Peter, o protagonista da história, sentiu quando foi para a escola com sua fantasia de Robinson Crusóé e seus amigos riram de seus trajes. A viagem interna, os pensamentos, as inseguranças, as vontades e os anseios de Peter são revelados de forma bastante irreverente, com imagens que se relacionam com a história preferida do menino.

A obra permite, assim, um mergulho nos temas “Autoconhecimento, sentimentos e emoções”, “Família, amigos e escola” e “Diversão e aventura”, pois tudo começa com a relação entre Peter e os amigos da escola e todo o desenvolvimento do enredo ocorre a partir de uma festa à fantasia, na qual ele é alvo de risadas dos colegas. O conflito vivido pelo protagonista o leva a imaginar estar em uma ilha deserta. Nessa viagem para além da realidade, ele faz descobertas de si próprio, refletindo sobre a dor sentida ao mesmo tempo em que se diverte com os animais da ilha.

A narrativa breve, o conflito bem marcado e a trama com poucos personagens são elementos que caracterizam a obra como **conto** em um livro ilustrado. A definição de “livro ilustrado”, nesse caso, refere-se ao tipo de obra que apresenta uma relação de complementaridade entre palavras e imagens, em que se estabelece um diálogo criativo entre essas duas linguagens, a verbal e a não verbal. Ao ler esse tipo de livro, também conhecido como livro-álbum, é fundamental relacionar as ilustrações com o texto escrito e observar como desse diálogo podem emergir múltiplas interpretações.

A riqueza dos desenhos revela-se tanto nos traços de Peter Sís, autor do texto e das ilustrações, como na harmonia de cores e cenários. Conseguimos explorar e analisar o impacto das risadas dos colegas também pela cor e pelo foco dados à imagem. Quando vemos o protagonista deitado na cama por outra perspectiva, a de cima (página 19), um sentimento de solidão é evocado no leitor. Esses são alguns aspectos visuais que podem ser apreciados e analisados com os estudantes.

Vale destacar que essa história é baseada na infância do autor. Em “Nota do autor” (página 51), ele conta que ao encontrar uma foto sua, vestido de Robinson Crusóé, uma lembrança emergiu de quando era criança e foi fantasiado de seu personagem preferido a uma festa à fantasia da escola. Podemos observar essa proximidade do autor com o protagonista pelo próprio nome do menino que narra a história, Peter.

Peter Sís nasceu em Brno, na República Tcheca. Teve sua infância marcada por muita arte, pois seus pais eram artistas. Ele adorava ouvir as histórias que o pai contava das viagens que fazia para o Oriente. Peter também conta que sempre teve à sua disposição lápis e papel, por isso desenhava tudo o que queria viver. Ele sonhava em desbravar mundos e viver diversas aventuras. Essa forma de vida o ajudava a driblar a dura realidade pela qual tinha de passar: as ruas de sua cidade eram solitárias e acinzentadas; nesse tempo, as dificuldades eram inúmeras. Sonhar com dias melhores e outros mundos possíveis para viver fez com que Peter se aventurasse no desenho e fosse aperfeiçoando suas técnicas, por isso ele foi estudar na Academia de Artes Aplicadas de Praga e fez cursos na Royal College of Art, de Londres.

Os primeiros trabalhos de Peter mesclavam desenho e cinema. Isso o levou a viajar para outros países. Participou do Festival de Cinema de Animação em Los Angeles e, desde essa época, mora nos Estados Unidos. Já recebeu vários prêmios pela qualidade artística de sua obra, entre eles, o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial.

Érico de Assis foi quem traduziu a obra. Formado em jornalismo e publicidade e propaganda pela Universidade Católica de Pelotas, também fez doutorado em estudos da tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Desde 2008, é tradutor do inglês para o português de textos literários e de não ficção.

POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A literatura oferece experiências estéticas distintas a partir das narrativas criadas sob diferentes perspectivas, personagens, cenários e tempos. Como já destacamos, a leitura de *Robinson* permite que os estudantes experimentem a dor sentida pelo personagem, sentimento tão próximo ao que todos nós vivemos em algum momento da vida. No entanto, o desfecho do enredo mostra uma saída, uma forma de compreender que a dor passa, que faz bem perdoar quem nos magoou e que tudo é uma questão de tempo. Aventurar-se em uma ilha deserta abre espaço para muitas ideias, conversas, descobertas e autoconhecimento. Como é estar sozinho diante de algo novo?

Discutir essas questões no plano simbólico, da ação do personagem, possibilita ao leitor ficar em um lugar seguro e confortável. Ao mesmo tempo, permite aprofundar o olhar e a análise dos usos da linguagem e dos efeitos de sentido que oferecem. Esse ato de refletir sobre a forma literária de como o conteúdo foi abordado amplia conhecimentos sobre os recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Robinson não subestima a capacidade da criança, pelo contrário: a desafia a mergulhar com Peter em sua aventura de ficar só em uma ilha deserta. A relação entre texto e imagem é uma das principais chaves de leitura desta obra, pois permite ao leitor atribuir sentido ao observar, por exemplo, o resultado de todo o esforço da mãe do narrador para fazer a fantasia mais parecida possível com a roupa do personagem Robinson Crusóe; a expressão de Peter quando os amigos riem dele; o trabalho que desenvolve na ilha deserta, marcado por muitas intervenções no espaço, entre outras.

É possível notar também a referência ao cinema observando as imagens que mostram cenas sucessivas, cada quadro retratando algo diferente, como ações no tempo que está passando:



Segundo a especialista Cecilia Bajour, os livros apresentam modos de adentrar nele, e cada um oferece uma chave de leitura. Contudo, por mais que se planeje esse momento, é fundamental estar aberto às contribuições das crianças.

As leituras que escapam à chave adotada pelo professor também podem ser interessantes, e é importante valorizá-las: todos nós, leitores, crescemos com as leituras dos outros, e isso também se transmite. Na conversa literária uma chave se enriquece com outras chaves. (BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 67.)

A participação efetiva dos estudantes em práticas de leitura de livros literários na escola, com a regularidade necessária, permite desenvolver a competência específica 9 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. [...] (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. p. 87.)

A competência 9 retrata o caráter artístico da literatura ao mesmo tempo que destaca a experiência como algo que nos humaniza. De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), no decorrer da leitura, é necessário assegurar momentos de **interação verbal**, diálogos sobre o que foi lido para que o leitor possa atribuir sentidos a partir de uma construção coletiva. O contato frequente com a língua que se escreve leva as crianças a desenvolverem seu vocabulário à medida que refletem sobre os múltiplos sentidos que uma palavra pode ter, dependendo de seu uso. Tudo isso vai ser contemplado na mediação sugerida para o professor e nas propostas de atividades.

Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa

Organizar um tempo na rotina para fazer uma leitura em voz alta diariamente é fundamental para formar leitores, pois oferece oportunidades aos estudantes de acessar um patrimônio cultural e usufruir de experiências com narrativas antigas e contemporâneas escritas por autores diversos, de diferentes gêneros literários, compondo uma infinidade de possibilidades de leitura.

É preciso formar uma comunidade de leitores na escola para ler juntos, conversar sobre as obras lidas, comentar, validar ou não interpretações possíveis e, acima de tudo, construir coletivamente sentidos para o que foi lido e compartilhado. Por essa razão, a **leitura compartilhada** é uma das práticas que mais contribuem para atingir esse objetivo. O professor lê em voz alta, os estudantes acompanham a leitura com seu livro em mãos e têm a oportunidade de analisar mais detalhadamente cada trecho ou ilustração, em colaboração com o outro.

Esse momento pressupõe mobilizar procedimentos e habilidades, a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes e das pistas que o texto oferece. A articulação entre esses aspectos corrobora a construção coletiva de sentidos. Depois da leitura, é possível voltar a certas passagens para observar o que porventura tenha passado despercebido e até mesmo para destacar algumas chaves de leitura pré-selecionadas.

Essa forma de ler revela alguns comportamentos leitores, típicos das práticas sociais de leitura literária. Segundo a especialista Delia Lerner, os comportamentos leitores são “**conteúdos** — e não tarefas, como se poderia acreditar — porque são aspectos do que se espera que os alunos aprendam, porque se fazem presentes na sala de aula precisamente para que os alunos se apropriem deles e possam pô-los em ação no futuro” (LERNER, 2002). Por essa razão, compartilhar com os colegas da turma as impressões sobre a história, trocar ideias e analisar o ponto de vista do outro permitem ao grupo construir sentidos coletivamente, mantendo a dimensão socializadora da leitura literária.

Assim, espera-se que os estudantes desenvolvam as seguintes habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por meio de um trabalho com a leitura:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.

(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

Vale destacar que o desenvolvimento das habilidades não ocorre em situações didáticas esporádicas, mas requer um contato sistemático com práticas de leitura literária que ampliem o repertório dos estudantes, além da garantia de acesso ao livro, objeto cultural que talvez só seja acessado pelos estudantes quando estão na escola.

Neste material, daremos algumas ideias para a exploração da obra nos momentos da pré e pós-leitura, além de sugestões para a **interação verbal** durante a **leitura dialogada**. São sugestões que podem ser ajustadas levando em conta as necessidades e os conhecimentos de sua turma, bem como seus objetivos com a leitura desta obra.

PRÉ-LEITURA

Robinson faz referência ao personagem de um romance clássico, *Robinson Crusóé*, escrito por Daniel Defoe e publicado em 1719. Embora não seja uma condição ler o romance para realizar a leitura desta obra, conhecer um pouco mais o personagem e suas aventuras permite aos estudantes estabelecerem algumas relações intertextuais.

Uma forma de fazer isso é lendo a sinopse do livro *Robinson Crusóé: A aventura de um naufrago numa ilha deserta*. Se tiver o livro no acervo da escola, mostrar a capa dele e explorá-lo pode ser um bom encaminhamento.

Perguntar se alguém conhece a história de Robinson Crusóe e pedir a esse estudante para contá-la ao grupo. Se ninguém conhecer o livro ou o personagem, você pode ler o texto abaixo para a turma.

Rebelando-se contra a vida pacata e metódica da classe média de York, na Inglaterra, o jovem Robinson Crusóe foge de casa e se torna marinheiro. Numa de suas viagens, vem para o Brasil, onde se estabelece como senhor de engenho. Sempre em busca de aventuras, parte para a Guiné, na África, a serviço de comerciantes de Salvador, mas uma tempestade leva seu navio para o mar do Caribe e outra o faz naufragar. Único sobrevivente do desastre, Crusóe consegue chegar a uma ilha deserta, ao largo da costa venezuelana, e ali passa 27 anos, dois meses e dezenove dias. As ferramentas, cordas, tábuas e outros utensílios que retira do navio o ajudam a enfrentar o desamparo e a solidão. Enquanto supera as numerosas dificuldades de seu desterro, Crusóe reflete sobre os valores da existência humana e se reaproxima de Deus. Nos últimos anos de permanência na ilha deserta, salva a vida de um selvagem que estava para ser sacrificado por um grupo de canibais vindo do continente. Chama-o de Sexta-Feira — dia da semana em que o encontrou —, ensina-o a falar inglês, procura transmitir a ele seus valores éticos e religiosos e, quando volta para a Inglaterra, leva-o consigo. Depois de recuperar sua fortuna, casa-se e constitui família; ao enviuar, já sexagenário, visita “sua” ilha, onde havia deixado três amotinados do navio que o resgatara e alguns espanhóis que naufragaram nas proximidades do local. Ele conclui o relato prevenindo o leitor de que poderá registrar novas peripécias. [...] (*Robinson Crusóe: A aventura de um náufrago numa ilha deserta*. Companhia das Letras. Disponível em: https://bit.ly/RobinsonCrusoe_resenha. Acesso em: 26 nov. 2021.)

Em seguida, é possível explorar as informações do texto com algumas questões:

- **O que** podemos saber sobre o personagem Robinson Crusóe?
- Um dado importante é que Robinson ficou muito tempo na ilha deserta e pôde pensar sobre os valores da vida. Não sabemos ao certo o que ele fez, mas podemos imaginar. **O que** você pensa que ele fez todo esse tempo na ilha? Que valores podem ser esses que o fizeram repensar a vida?

Caso você tenha à disposição algum exemplar da obra e já tenha lido o romance, vale compartilhar com os estudantes um trecho do qual tenha gostado muito, para aproximar mais os leitores da narrativa que será lida a seguir.

É importante que os estudantes saibam que esse personagem tem relação com a leitura de *Robinson*, escrito por Peter Sís. Para que compreendam a atividade feita, seria interessante dizer-lhes que encontrarão neste livro um menino que gostava muito de histórias de aventura e que tinha Robinson Crusoe como seu personagem favorito.

LEITURA

Antes de começar a **leitura compartilhada** da obra, pode-se explorar a capa. Nela, aparece um menino e um coelho em um barquinho que tem uma vela um tanto diferente, parece um livro aberto com uma imagem que se assemelha a um mapa. Há vários desenhos de animais e plantas: **o que** seria essa imagem na vela do barco? Será que é para esse lugar que o barquinho está velejando?

A leitura da quarta capa também possibilita adentrar a história. A maneira como a sinopse está escrita cria um certo mistério, porque o menino, depois de ir a uma festa na escola, vai parar em uma ilha deserta. **Como** isso pode acontecer? Na ilustração aparece um menino com um coelho, em uma encosta tentando avistar algo. Será que é o mesmo menino do barquinho da capa? Pretende-se com isso estimular os estudantes a falar o que pensam, antecipando possíveis acontecimentos e estabelecendo relações com os conhecimentos prévios e o repertório literário que possuem.

Apresentar a história do autor é outra opção nesse momento inicial da leitura. Ler as informações sobre ele presentes na obra e também no paratexto “Conversando sobre a obra” pode ser uma alternativa.

Durante a leitura da história, é importante que todos estejam com o livro em mãos e que consigam acompanhar a leitura, pois assim poderão observar com mais detalhes cada passagem do enredo. Ao longo da leitura e depois dela, algumas questões podem ser alvo de reflexão e análise.

Como destacado antes, a relação que se estabelece entre o texto e a imagem é fundamental para o leitor compreender certas passagens da história, pois uma linguagem complementa a outra na construção de sentidos. Há muitos exemplos no livro, como na página 6, em que conhecemos Peter e seus amigos e as brincadeiras das quais eles gostam.



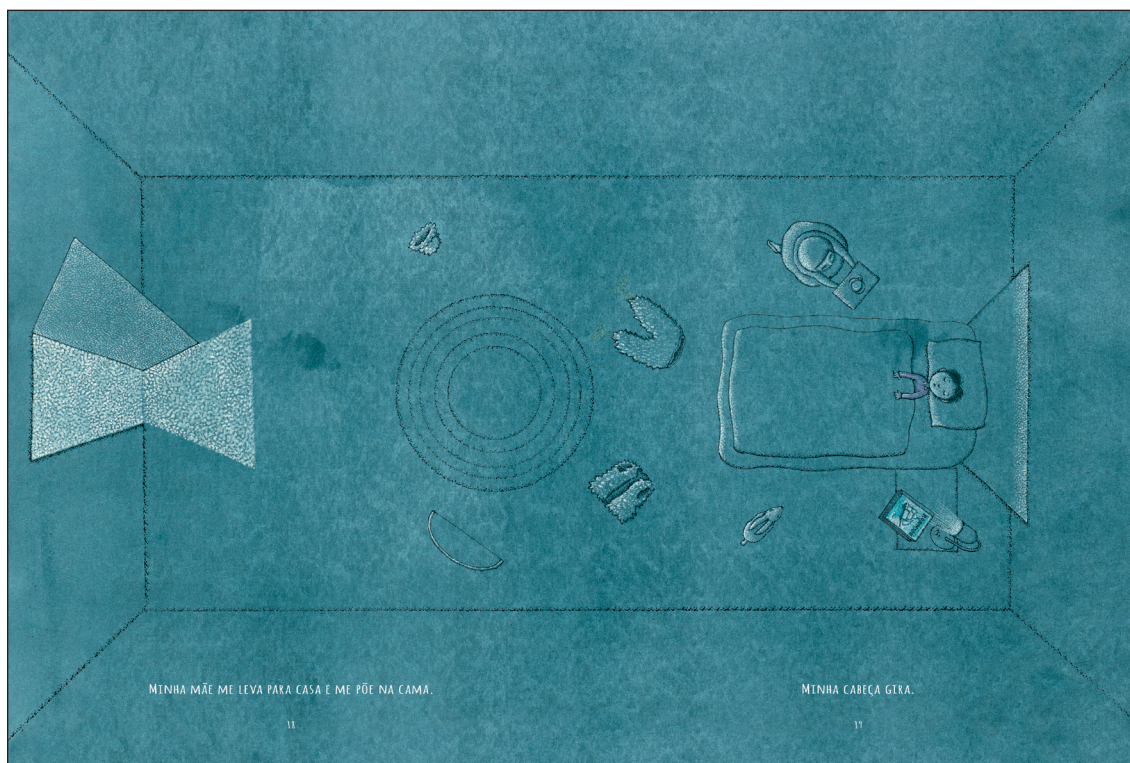
- **Quais** são as aventuras vividas pelo narrador e seus amigos? **Como** podemos saber disso?
- Você também gosta de viver esse tipo de aventura?

O enredo começa com a descoberta de uma festa à fantasia na escola. Peter e seus amigos combinam de ir vestidos de pirata, mas a mãe do protagonista o convence a ir de Robinson Crusóé, uma vez que é seu personagem preferido. Todos os preparativos geram muitas expectativas em Peter: **o que** seus amigos vão dizer de sua fantasia? Na chegada à escola, seus amigos dão muita risada e toda a coragem de Peter desaparece. É muito interessante observar como isso está representado na ilustração.



As cores utilizadas modificam-se nas páginas 16 e 17, se comparadas com a festa das páginas anteriores, nas quais o tom amarelo prevalece e as crianças estão vestidas com as mais diferentes fantasias, representando diversos personagens. Aqui, porém, a luz branca focaliza Peter e seus amigos, é como se o restante desaparecesse e aquela situação fosse o foco da festa. A saída dele do recinto também revela muita coisa: Peter chora e corre, enquanto uma luz da festa, que atravessa a porta entreaberta, o ilumina.

As cores são fundamentais também quando Peter está em seu quarto (pp. 18-19). O ângulo de cima para baixo que mostra todo o quarto também é determinante. Está tudo escuro, o menino deitado com todas as roupas jogadas no chão, seu livro preferido na cabeceira, um coelho (é muito importante observar esse animal) e sua mãe levando um chá.



- Vocês notaram que as cores dessas ilustrações se modificaram? **Por que** vocês acham que isso aconteceu?
- Imagine-se no lugar de Peter quando chegou à festa. **Como** você reagiria à atitude dos amigos? Faria algo diferente?
- **O que** você pensa da atitude dos amigos de Peter?

Observe este trecho da narrativa:

Viro de um lado para o outro.
Me sinto perdido.
Estou à deriva. (p. 20)

- **Qual** é o sentido da expressão “à deriva” neste contexto?
- **Como** esse sentido se relaciona com os acontecimentos da história?
- **Como** podemos compreender a chegada de Peter a uma ilha deserta? **O que** fez você pensar assim?

Não há uma única resposta para essas perguntas, justamente para possibilitar a discussão sobre o que os estudantes pensam da leitura. Peter sonhou? Ou foi um jeito imaginado para contar como ele se sentia sozinho e amargurado? Ele estava lendo o livro e se projetando na história? Essa discussão pode ocorrer depois de observarem o livro na cabeceira do menino: assim que ele chegou no quarto o livro estava fechado, no momento que os amigos chegam, o livro está aberto: **o que** isso significa?

Para cada hipótese levantada, é preciso buscar indícios no texto e nas imagens para validá-las. Peter pode ter sonhado, já que estava na cama e não se sentia bem, mas também pode ser uma forma que ele criou para explicar o que estava sentindo, fazendo alusão à sua história preferida.

Outra imagem importante e que pode ajudar a pensar está nas páginas 28 e 29.



- **Onde** Peter está? **Quem** são esses animais?
- Você reparou que todos olham para ele? **Por quê?**

Cada cena vivida na ilha pode ser destacada e apreciada com comentários e perguntas previamente elaboradas para se fazer com os estudantes. A cena em que ele avista o mar e o texto diz “mas eu estou sempre de olho nos piratas” permite uma conversa sobre quem são os piratas. Eles chegaram à ilha depois, conseguimos vê-los, são quatro, o mesmo número de amigos de Peter. Será que existe alguma relação? Sugerimos instigar os estudantes com estas perguntas:

- **Quem** vocês imaginam ser esses piratas? **O que** faz vocês pensarem assim?

Na dupla de páginas seguinte (pp. 46-47), vemos os amigos de Peter no quarto dele.



- **Onde** Peter e seus amigos estão? **Cadê** a ilha? **O que** vocês acham que aconteceu?
- Observe o papel que tem na mão de uma amiga de Peter, **o que** está escrito nele? Os amigos também estão vestidos com fantasias parecidas com a de Peter na festa. Isso pode indicar o motivo da visita dos amigos?

Vale notar o formato do quarto de Peter, o mesmo em que a ilha foi representada, além disso há plantas que antes não estavam lá. O quarto se transformou? **O que** vocês pensam disso?

Outras questões podem ser feitas dependendo do rumo da conversa com a turma:

- Quando Peter está na ilha, ele consegue uma roupa adequada para viver lá. Você observou **como** ela era? **O que** é possível compreender? **O que** ajudou você a pensar sobre essa ideia?
- Você conheceu o personagem Robinson Crusóé. Agora você consegue estabelecer relações entre Robinson e Peter? **Quais**?
- Sabemos que Peter fica um tempo na ilha e ele trabalha muito. **Quais** são os trabalhos que ele realiza lá? **Como** sabemos disso?
- O tempo que Peter fica na ilha o torna mais forte e corajoso. **O que** provocou essa mudança?
- A história termina dizendo que partiram para uma nova aventura e observamos todos eles em um balão. Você consegue imaginar **o que** vão viver?
- Vocês indicariam este livro para algum colega ou familiar? Se sim, **o que** destacariam da obra para convencer essa pessoa?

Destacar algo da obra a ser indicada exige do leitor alto nível de análise ao mesmo tempo que ele explicita suas preferências, como aspectos literários, linguísticos e artísticos que chamam a atenção dele. Nesse momento, é possível acompanhar quais elementos da discussão contribuíram para as indicações realizadas. Isso permitirá planejar outros momentos de leitura, selecionando livros mais ajustados às preferências dos estudantes.

Por fim, vale a pena ler a “Nota do autor” (p. 51), momento em que Peter Sís comenta em qual situação de vida ele se baseou para criar essa história.

PÓS-LEITURA

A **leitura compartilhada** já é por si só uma atividade que atende aos objetivos do trabalho com a leitura literária, tornando até dispensáveis quaisquer outras atividades que envolvam o livro. No entanto, ainda há alguns desdobramentos da leitura que podem ser realizados com base nos interesses dos estudantes e alguns propósitos didáticos.

Uma proposta seria discutir a metáfora existente entre ler e viajar. Costumamos ouvir que a leitura está associada a uma viagem para outros lugares e até outros tempos, mesmo que estejamos confortavelmente em nossa casa, no sofá ou na cama:

- **Como** é possível se sentir em outro lugar ao ler um livro?
- **O que** vocês pensam sobre isso?
- Vocês já tiveram essa experiência como o personagem Peter? Se sim, comente sua experiência com os colegas.

Voltar para o livro e retomar como isso acontece na construção da narrativa também pode alimentar uma reflexão interessante. Como essa viagem se expressa no enredo, nas ilustrações e na capa?

Depois de uma boa exploração e de momentos de diálogo sobre essa temática, seria interessante convidar os estudantes a desenhar como imaginaram essa viagem. Pode ser oportuno pedir que apresentem a produção para os colegas e, em seguida, que todas sejam expostas em um mural na sala de aula.

Outra opção seria conversar com a turma sobre como uma história clássica, publicada há mais de trezentos anos, ainda inspira a produção de outras obras e adaptações. Essa conversa pode animar os estudantes a ler o clássico de Daniel Defoe em algum momento da vida, uma ótima oportunidade de leitura e de ampliação de repertório literário, cultural e linguístico.

Outras propostas de leitura e abordagem da obra

AMPLIAÇÃO DA COMUNIDADE DE LEITORES NA ESCOLA

Para além da prática de leitura feita em voz alta pelo professor, outras práticas podem compor a rotina da sala de aula: a leitura autônoma, feita pelos próprios estudantes; as rodas de apreciação com focos diversos a partir da intencionalidade do professor; a leitura feita por um convidado externo; os saraus de textos poéticos; a roda de empréstimo de livros; as Sessões Simultâneas de Leitura etc. Cada uma dessas práticas permite aos estudantes ter uma experiência de leitura distinta, justamente porque esse objeto de conhecimento é multifacetado, não existe uma única maneira de aprender a ler.

SESSÕES SIMULTÂNEAS DE LEITURA

As Sessões Simultâneas de Leitura (SSL) constituem um projeto idealizado pela argentina Claudia Molinari e hoje são desenvolvidas em muitas escolas brasileiras. Trata-se de uma estratégia de **formação de leitores** que atua em duas frentes: a primeira é a do professor, que seleciona livros criteriosamente e planeja uma boa experiência de leitura para os estudantes; e a segunda é da perspectiva das crianças, que desenvolvem autonomia para escolher o que querem ler, além de compartilhar suas impressões. As SSL seguem estas etapas:

1. Reunir os professores da escola e propor que cada um selecione um livro para ser lido nas Sessões Simultâneas de Leitura.
2. Com o livro escolhido, cada professor faz o planejamento de sua participação nas SSL, considerando a apresentação para as crianças e a formulação de questões que estimulem o intercâmbio após a leitura. Pode ser interessante o professor explicar por que escolheu a obra, falar uma curiosidade sobre ela e propor questões que chamem a atenção sobre os aspectos relacionados à forma como o conteúdo foi contado no livro.
3. Com tudo isso pronto, cada professor prepara um cartaz com a capa do livro, uma breve resenha e um espaço para inscrição nas SSL. Não é necessário colocar o nome do professor no cartaz, pois esse não pode ser o critério dos estudantes para selecionar a leitura. Cada professor da escola vai oferecer

a leitura de um livro, por isso as Sessões Simultâneas de Leitura são conhecidas como um projeto institucional: envolvem todos os docentes e até outros profissionais da escola (caso queiram participar).

4. Todos os cartazes vão compor um mural. Os estudantes são então convidados a conhecer a oferta de livros e a escolher de qual leitura gostaria de participar. É necessário que façam a inscrição previamente.
5. No dia marcado para as SSL, as crianças se dirigem à sala da leitura que escolheram. Como o evento é realizado com a escola toda, os grupos são constituídos por crianças de diferentes faixas etárias e de turmas distintas.
6. Depois da leitura, os estudantes retornam à sua sala e têm uma nova oportunidade de conversa. É um momento privilegiado para indicar as obras que conheceram e para compartilhar as impressões da leitura com os colegas das outras sessões.

Há muitas variações possíveis para realizar as Sessões Simultâneas de Leitura na escola. Por exemplo, os familiares podem ser convidados para participar da escuta da leitura com as crianças ou para realizar a leitura de uma obra.

LITERACIA FAMILIAR

EMPRÉSTIMO DE LIVROS PARA LEITURA COM A FAMÍLIA

Crianças que têm contato frequente e de qualidade com situações e materiais de leitura, dentro e fora da escola, apresentam maior probabilidade de se tornarem leitores competentes. Incentivar a **literacia familiar**, orientando-as a manter essas práticas em casa, poderá criar um cenário favorável e significativo para a leitura de histórias.

Para isso, pode ser interessante dar algumas dicas a familiares ou responsáveis para quando receberem o livro em casa, tais como organizar um espaço convidativo em algum canto da casa (com qualquer material, travesseiro, almofada, lençol para montar uma cabana, entre outros). Outra dica é combinar o horário da leitura: o momento antes de dormir costuma ser favorável, pois embala o sono e a casa geralmente está mais silenciosa.

Quando eles receberem *Robinson* em casa, oriente a leitura em voz alta feita por um adulto para que a criança possa vivenciar outra experiência com essa obra. Como a leitura já foi feita em sala de aula, pode-se incentivar que ela seja a protagonista nesse momento, que leia junto ou vá intercalando a leitura com o adulto. É importante também que a família abra espaço para o diálogo sobre a história, que comente o que pensou e que ouça as impressões das crianças.

Pedir aos estudantes que contem para os familiares o que sabem a respeito de Robinson Crusóe e expliquem a relação de Peter com Robinson pode estimular a conversa sobre a história, considerando que é esse o comportamento leitor que esperamos que desenvolvam. É possível orientar que conversem sobre os sentimentos do personagem principal e toda aventura de estar numa ilha deserta. O que a ilha representa na vida de cada um? Que sentido tem essa ilha para os familiares?

Se achar oportuno, solicitar aos familiares ou aos estudantes o registro em um texto breve ou um áudio — caso tenham um grupo para mensagens instantâneas da turma —, as impressões que tiveram da obra, destacando como foi a experiência vivida em casa. Podem contar o que conversaram, enfatizar um trecho da obra e comentar uma opinião sobre o personagem e suas aventuras.

No dia combinado, os estudantes compartilham com os colegas o que foi discutido em casa. A partir disso, comparam as conversas, se o que uma família comenta se aproxima ou não do comentário da outra, vale inclusive uma comparação com a discussão que tiveram em sala, no sentido de observar se há algum aspecto destacado que não tenha sido analisado pelo grupo anteriormente.

Por fim, expor os comentários por escrito das famílias em um espaço da escola, na sala de leitura, por exemplo, pode fazer com que outras pessoas da comunidade escolar se interessem em ler *Robinson*, de Peter Sís.

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 30 out. 2021.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/Sealf, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/cadernoPNA>. Acesso em: 30 out. 2021.

Documento produzido pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: https://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 30 out. 2021.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? A pesquisadora argentina explica aos educadores o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita.

Sugestões de leituras complementares

Indicamos aqui alguns textos que podem contribuir com o seu trabalho por ampliar os temas e as propostas abordados neste material.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura.

COLOMER, Teresa. *Siete llaves para valorar las historias infantiles*. Madri: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.

Neste livro, a autora apresenta sete chaves que permitem analisar as histórias infantis, tratando de elementos fundamentais, como apreciação de palavras e imagens, até ampliação do mundo próprio do leitor.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Ilustrações de Julek Heller. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999.

Clássico da literatura mundial, este é o livro original sobre o famoso naufrago inglês que inspirou tantos artistas, como Peter Sís com seu *Robinson*.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Com um estilo a um só tempo irônico e poético, Daniel Pennac investiga as chaves para o mundo da leitura e mostra que o elo se perde quando o livro deixa de ser “vivo” e passa a ser uma ficha de leitura obrigatória para o bom cumprimento do programa escolar.